

Introdução

O título deste trabalho é *Os destinos da tristeza na contemporaneidade*, no entanto, serão abordadas aqui a melancolia e a depressão. Então, por que a tristeza é mencionada no título? Porque este trabalho foi inspirado na crítica à concepção patológica do sentimento de tristeza e do processo de luto que são saudáveis. Assim, visou aqui traçar um panorama que permite pensar melhor as mudanças que existiram em relação à maneira como se lida com a tristeza, com o luto e também com a melancolia e a depressão.

Bauman (2000) utiliza o termo modernidade líquida porque, segundo ele, a época atual ainda apresenta os principais fundamentos da modernidade: o movimento, o pensar sobre o futuro, o querer estar sempre à frente e a idéia de que a consumação está sempre no futuro. Parece que os ideais iluministas de evolução e progresso ainda fazem parte desta sociedade. No entanto, as descobertas da ciência estão sempre visando um suposto aperfeiçoamento humano. Mesmo assim, algo do pensamento evolucionista se perdeu, pois o indivíduo se deu conta dos seus erros em prol do progresso. Além disso, existem muitas pesquisas para remediar os erros do passado, como pode ser observado com os danos à natureza. As catástrofes ecológicas mostram o grande colapso da idéia de evolução. Mesmo com tudo isso, ainda há o pensamento de que no futuro se conseguirá reciclar tudo e inventar algo que consertará os erros do passado.

Enquanto na modernidade perdeu-se a liberdade em prol da segurança; na pós-modernidade ou modernidade líquida trocou-se a segurança pela liberdade. É prova disto o movimento libertário da contracultura nas décadas de 1960 e 1970 que se baseava em rebelar-se contra os valores vigentes, as autoridades institucionalizadas, o Estado, a família e a Igreja (Coutinho, 2002), no entanto, com a busca pela liberdade não houve somente ganhos para a sociedade, perdeu-se a segurança de outrora em prol da busca da felicidade através de mais liberdade.

(...) os homens e as mulheres pós-modernos trocaram o quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade. Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do

prazer que tolera uma segurança individual pequena demais (Bauman, 1998 [1997], p.10).

O preço pela dita liberdade da atualidade é uma insegurança quanto ao futuro. Não se pode esquecer, entretanto, que durante a maior parte da história ocidental o ser humano teve o trabalho de adaptar-se a mudanças e houve momentos onde a incerteza também prevaleceu. As guerras, os desastres, a fome, sempre estiveram presentes e, por causa disso, foi preciso viver em condições adversas de total incerteza.

Na contemporaneidade, no entanto, a insegurança passou de acontecimentos no âmbito do macro para eventos no micro sem, entretanto, excluir totalmente o macro. A situação nacional e internacional não fornece nenhuma certeza ao indivíduo contemporâneo. Portanto, estamos em um período marcado pela incerteza e pela insegurança. Assim, a liberdade na pós-modernidade, com sua contrapartida sob forma de insegurança, torna-se fonte de mal-estar. As mudanças são rápidas e nada é tão estável como era antes. O indivíduo pós-moderno deve estar aberto a modificações em sua vida, pode perder seu emprego a qualquer momento e é o responsável pela própria sorte, tendo em vista que é supostamente livre para escolher o que quiser. Assim, nada é garantido, nenhuma posição é inteiramente segura.

A bandeira da pós-modernidade é, portanto, a liberdade individual. Deve-se ser livre para ir em busca do prazer a todo custo e a imagem de prazer vinculada à liberdade é bastante propagada. Uma forma dominante de se exercer a liberdade hoje é através do consumo. A relação entre os indivíduos que devem ser cada vez mais autônomos, porque livres, no mundo pós-moderno é uma relação entre consumidores. É a partir do consumo que o indivíduo contemporâneo dá sentido à sua vida e a atividade de consumir domina todos os âmbitos da vida do homem ocidental contemporâneo. O mercado está organizado de maneira a manter o consumidor permanentemente insatisfeito, procurando novas experiências propiciadas pelo consumo.

Dessa forma, as possibilidades de escolhas infinitas e variadas, trazem mal-estar na medida em que não se pode nunca viver tudo, saber de tudo, viajar para todos os lugares. No entanto, o objetivo capitalista é de que não se pare de consumir. Já afirmava Albert Camus (apud Bauman, 2000, p. 96), “As pessoas de nosso tempo, (...) sofrem por não serem capazes de possuir o mundo de maneira

suficientemente completa”. O sofrimento está ligado à identidade do indivíduo contemporâneo permeada pela exigência de consumo nunca satisfeita. O indivíduo é dominado pelo desejo de aquisição de mercadorias e marcas. Este pensamento é compartilhado por Baudrillard (1970) que fala sobre a criação de uma diferenciação pessoal através do consumo. O ato de consumir é, segundo ele, uma forma de comunicação, um código que separa as pessoas em classes e estilos de vida. Dependendo do que consomem, constroem uma identidade, diferenciam-se em grupos de consumo. Baudrillard acredita que na contemporaneidade as diferenças de nascimento, sangue e religião que dizem respeito ao essencial foram substituídas pelas diferenças atuais de vestuário e ideologia que “permutam-se no seio do vasto consórcio do consumo” (Baudrillard, 1970, p. 94).

Faz parte do ideal de consumo, o ideal de perfeição que domina o pensamento contemporâneo. Tem-se a impressão de que consegue-se chegar à perfeição psíquica e física, e se não se consegue, o culpado é o próprio indivíduo que se alimentou erradamente, não fez os exercícios adequados ou não procurou o médico certo. No entanto, as receitas para a boa vida têm data de validade, muitas logo cairão em desuso, apequenadas, desvalorizadas e destituídas de fascínio pela competição de ofertas novas e aperfeiçoadas (Bauman, 2001[2000], p. 86). A velocidade da vida aumentou, tudo aparece e desaparece rapidamente e o arquétipo dessa corrida, segundo Bauman (2000), é a atividade de comprar.

Este é o cenário contemporâneo, segundo Bauman, que abre caminho para certa intolerância ao sofrimento e maior consumo de remédios para acalmá-lo. O ideal de perfeição contemporâneo dominado pela exigência de felicidade e alegria não abre espaço para a tristeza, a depressão e o luto. Os psicofármacos viraram os dispositivos atuais para o ser humano lidar com a dor psíquica. Tendo em vista a facilidade com que se pode abater qualquer dor, o limiar para esta diminuiu. Diversos médicos das mais variadas especialidades atualmente receitam antidepressivos e ansiolíticos. Diante de angústia, da tristeza, ou do desconforto emocional tem-se logo uma pílula mágica à mão, seja ela necessária ou não. Os médicos estão indicando antidepressivos a pessoas que estão simplesmente tristes, desiludidas ou com dificuldade para dormir.

A depressão é vista, portanto, como um problema de desequilíbrio químico do cérebro, e seu tratamento retira do sujeito qualquer implicação com as causas

da sua própria dor, e privilegia o desaparecimento do sintoma em detrimento de uma elaboração psíquica. Segundo Roudinesco (2000)

Que se trate de angústia, agitação, melancolia ou simples ansiedade, é preciso, inicialmente, tratar o traço visível da doença, depois suprimi-lo e, por fim, evitar a investigação de sua causa de maneira a orientar o paciente para uma posição cada vez menos conflituosa e, portanto, cada vez mais depressiva. (Roudinesco, 2000, p. 41).

Então, para Roudinesco (2000) a sociedade atual seria depressiva, entretanto, neste trabalho a prioridade não é saber se isto realmente procede ou não. A preocupação aqui é criticar o englobamento de todos os sofrimentos humanos no diagnóstico de depressão, e a intolerância a qualquer estado psíquico que esteja fora dos padrões de felicidade contemporâneos. Pode-se ver, entretanto, que a infelicidade permeia a vida humana desde sempre. Freud (1930) em *O mal-estar na cultura* já afirmava que a felicidade não está nos planos da criação. O mal-estar nos assola por todos os lados. As possibilidades de infelicidade são imensas. Existem várias fontes de sofrimento, como as provenientes do próprio corpo, com a degradação deste ao longo da vida, ou as oriundas das forças da natureza e do relacionamento com outros sujeitos, sendo que estes últimos, segundo Freud (1930), representam a maior fonte de sofrimento humano. Então, com Freud, e certamente com a nossa própria experiência, tira-se a conclusão de que sentimentos de mal-estar e tristeza são bastante comuns na vida humana. No entanto, o que ocorre, hoje em dia, é uma *patologização* desses sentimentos. Desta forma, tristeza, luto, mágoa e pesar passaram todos a ter o nome de depressão.

Ehrenberg (1998) pensou sobre isso e encontrou alguns motivos que para ele levariam à maior incidência de depressão nesta sociedade. Segundo ele, o sujeito contemporâneo está sob o domínio dos ideais de iniciativa, e de responsabilidade ao mesmo tempo em que falta à sociedade alicerces nos quais outrora se pôde apoiar. Hoje em dia não existe um grande líder ou doutrina a obedecer, as instituições estão fragilizadas, o emprego não é garantido. Mesmo assim, existe uma grande expectativa do indivíduo sobre si mesmo e a crença de que seu destino é de sua inteira responsabilidade. O sujeito contemporâneo, portanto, sofre por se sentir insuficiente e a doença desta insuficiência, para esse autor, seria a depressão.

A depressão surgiria, assim, como uma patologia da responsabilidade de ser si mesmo, na qual o sentimento que domina é o da insuficiência. Sai-se de uma sociedade cunhada pela disciplina e pela culpabilidade e entra-se em uma outra dominada pela iniciativa e responsabilidade individuais. O sujeito é totalmente responsável por sua vida e não tem a quem culpar senão a si mesmo quando fracassa. A depressão surgiria, assim, como uma reação à demanda impossível de se cumprir e seria colorida pelo sentimento de insuficiência que se apresenta. O indivíduo subestima o valor de suas experiências, ele se sente menos forte do que gostaria, menos amado e o termo fadiga aparece freqüentemente em seu discurso. Assim, não é a tristeza hoje que domina o quadro depressivo, para este autor, e sim a impotência motivada pelas múltiplas possibilidades de escolha que acabam por aumentar, assim, as incertezas do sujeito. No entanto, neste trabalho, muito mais do que saber se o mundo contemporâneo nos dá mais razões para a depressão, pretendo analisar o olhar que esta sociedade deu e dá aos sentimentos que rodeiam os diagnósticos de depressão e melancolia ao longo do tempo. Se com o sucesso dos medicamentos a depressão passou cada vez mais a ser divulgada, diagnosticada e disseminada no vocabulário leigo ela, no entanto, já existe há muito tempo. Por isso, acredito ser de grande relevância um estudo sobre a história do luto, da melancolia e da depressão, como eles foram se modificando ao longo dos séculos e como se configura o cenário atual privilegiando, sempre, o olhar da psicanálise. Será que o que era chamado outrora de melancolia é o que se denomina hoje em dia depressão? Dessa forma, é importante notar como o termo *depressão* passa a ser privilegiado em detrimento de *melancolia*. Assim, desde 1850 o diagnóstico de depressão vem sendo utilizado por diversas especialidades médicas (Pinheiro e Verztman, 2003).

Faz-se necessário, portanto, um estudo do que ocorreu com as denominações *melancolia* e *depressão* ao longo dos tempos. Por isso, no primeiro capítulo deste trabalho faço um percurso histórico da melancolia à depressão, partindo da idéia de que o olhar sobre o mal-estar, a tristeza e o sofrimento humanos adquire perspectiva diferente dependendo da época e da cultura em que se está inserido. Aponto para as principais mudanças que o uso das classificações *melancolia* e *depressão* sofreu ao longo dos tempos, sem pretender igualar uma à outra, mas marcar as diferenças e intercessões entre os termos no decorrer da história. Primeiramente, discuto a melancolia na Grécia antiga baseada na visão de

Aristóteles e sua análise sobre a influência desta afecção em uma predisposição à genialidade. O filósofo grego parte de um olhar positivo acerca da melancolia e, baseado na teoria dos humores de Hipócrates, delimita sua visão à causa orgânica. Por outro lado, ao passar dos séculos, com o catolicismo, o olhar acerca da melancolia mudou. A Igreja via a doença melancólica como um afastamento de Deus. Portanto, na Idade Média ela era pecado. No Renascimento, entretanto, houve o retorno da visão aristotélica da melancolia que passou a ser uma doença dos intelectuais, mas não era mais da razão. Uma grande obra acerca do tema foi escrita por Richard Burton em 1621, na qual ele detalha tudo o que se pensou até à época sobre a melancolia.

No século XVIII a melancolia era malvista. A idéia que se tinha dos que sofriam desta afecção era a de que eram indisciplinados e não conseguiam controlar suas emoções (Solomon, 2001). Já no final do século e início do XIX a melancolia novamente passou a ser considerada como algo enobrecedor. Existem várias obras literárias dessa época que comprovam este fato, como os poemas de Keats, de Baudelaire e as obras de Goethe. É também no século XVIII que a palavra “depressão” é mencionada pela primeira vez em Weickhard (1790 *apud* Foucault, 1972).

Quando a psiquiatria ganha *status* de especialidade médica, o termo depressão começa a ganhar terreno ao invés de melancolia. O que ocorreu para que a palavra depressão ganhasse tanto espaço? Foi com o desdobramento das teorias e das práticas psiquiátricas acoplado à descoberta dos antidepressivos que a melancolia das grandes almas e gênios passou a ser relegada ao plano da miséria afetiva. É neste momento que o termo *depressão* passa a predominar. A partir disso ficou mais difícil definir o que seria depressão, o que seria a melancolia ou quando se trataria de um luto ou de uma tristeza saudáveis que passaram a ser encarados como disfunções que deveriam ser tratadas.

Portanto, tendo em vista que sofrimentos necessários para o amadurecimento do sujeito humano começaram a ser encarados como patologia e medicados, faz-se necessária uma análise mais acurada do que seria luto, melancolia e depressão para a psicanálise. Dessa forma, no segundo capítulo deste trabalho apresento as primeiras idéias psicanalíticas acerca deste tema com Abraham e Freud. Apesar de Freud (1895) em seus *Rascunhos* já ter abordado o tema da melancolia, Abraham (1911) acreditava que esta era negligenciada pela

teoria psicanalítica, então, em 1911, inaugurou seu pensamento referente ao tema. Freud foi influenciado por suas idéias, e Abraham, após o texto de Freud, de 1917, aproveitou suas idéias em seus escritos posteriores. Para delimitar o campo da depressão, da melancolia e do luto em Freud, começo por apresentar onde a palavra depressão aparece em seu texto, considerando, no entanto, que é com melancolia e luto que ele constrói sua teoria. Iniciando com os *Rascunhos*, analiso os textos que levaram o autor a pensar em luto e melancolia e os trabalhos posteriores que o fizeram avançar em seus conceitos. A teoria sobre o narcisismo, de 1914, foi importantíssima para Freud chegar a suas idéias de 1917, onde utiliza a identificação narcísica para explicar a melancolia. Após esse texto verifico, ainda, a importância dos conceitos de identificação, sentimento de culpa e superego nos textos de 1921 e 1923, principalmente porque estes marcam um avanço em seu pensamento acerca da identificação e, portanto, da etiologia da melancolia e do luto.

No terceiro capítulo, então escolhi três autores para traçar um percurso da melancolia, da depressão e do luto. Ao longo da pesquisa encontrei posições bastante divergentes acerca da melancolia e da depressão, como se cada um tivesse uma opinião singular sobre essas doenças. Por isso a escolha dos autores a serem utilizados aqui teve por base dois aspectos: a consistência da teoria e o olhar sobre processos não-patológicos da tristeza e do sofrimento humanos. Winnicott e Fédida apresentam esses aspectos. Lambotte, por outro lado, apesar de tratar especificamente do campo da patologia, seja enquanto melancolia ou enquanto depressão, apresenta saídas para a melancolia tanto através da estética, quanto através do humor, o que acaba por amenizar o aspecto patológico. Finalmente, os três autores têm um ponto em comum: a importância do estágio do espelho, na constituição depressiva/melancólica que é discutida neste capítulo a partir da visão dos três autores..